

Empatia tecnológica

A busca por entendimento emocional tem sido uma sina da nova geração. Ir atrás de alento, em qualquer canto que seja, não importa: no fim, o que vale é encontrar. Contudo, essa perseguição se torna um ciclo vicioso. Muitos ficam mal por estarem hiperconectados e tentam descobrir, também nas tecnologias, a cura para os próprios males. Daiana Lima (nome fictício), 28 anos, travou inúmeros diálogos com o ChatGPT.

Entre conversas e desabafos, acreditou, firmemente, que essa “prática terapêutica” iria contribuir para alguma melhora significativa em seu quadro de tristeza. Porém, ela estava terrivelmente enganada. “No início, falei para a IA que estava perdida na vida, que não via sentido em nada. A plataforma me ajudava dizendo que era apenas uma fase escura e que, rapidamente, eu atravessaria esse deserto”, recorda.

Os aconselhamentos, recheados de falso afeto, trouxeram, em alguma medida, o que Daiana procurava. Em toda crise interpessoal que vivia, corria para a IA à espera de ouvir o que não encontraria em outra pessoa. De fato, era realmente um suporte e tanto, especialmente porque se via sozinha.

Todavia, com o passar do tempo, perdeu o ânimo diário de estar com o chatbot. Isso, sobretudo, porque não via melhoras profundas naquilo que ela passava em silêncio. Constatou, assim, que era melhor deixar esse hábito de lado, já que se aprofundar nas próprias crises com um robô não surtiria nela nenhum efeito. “Nunca tive problemas reais com a IA, que pode ser boa para aqueles que não a conhecem.”

No âmbito jurídico

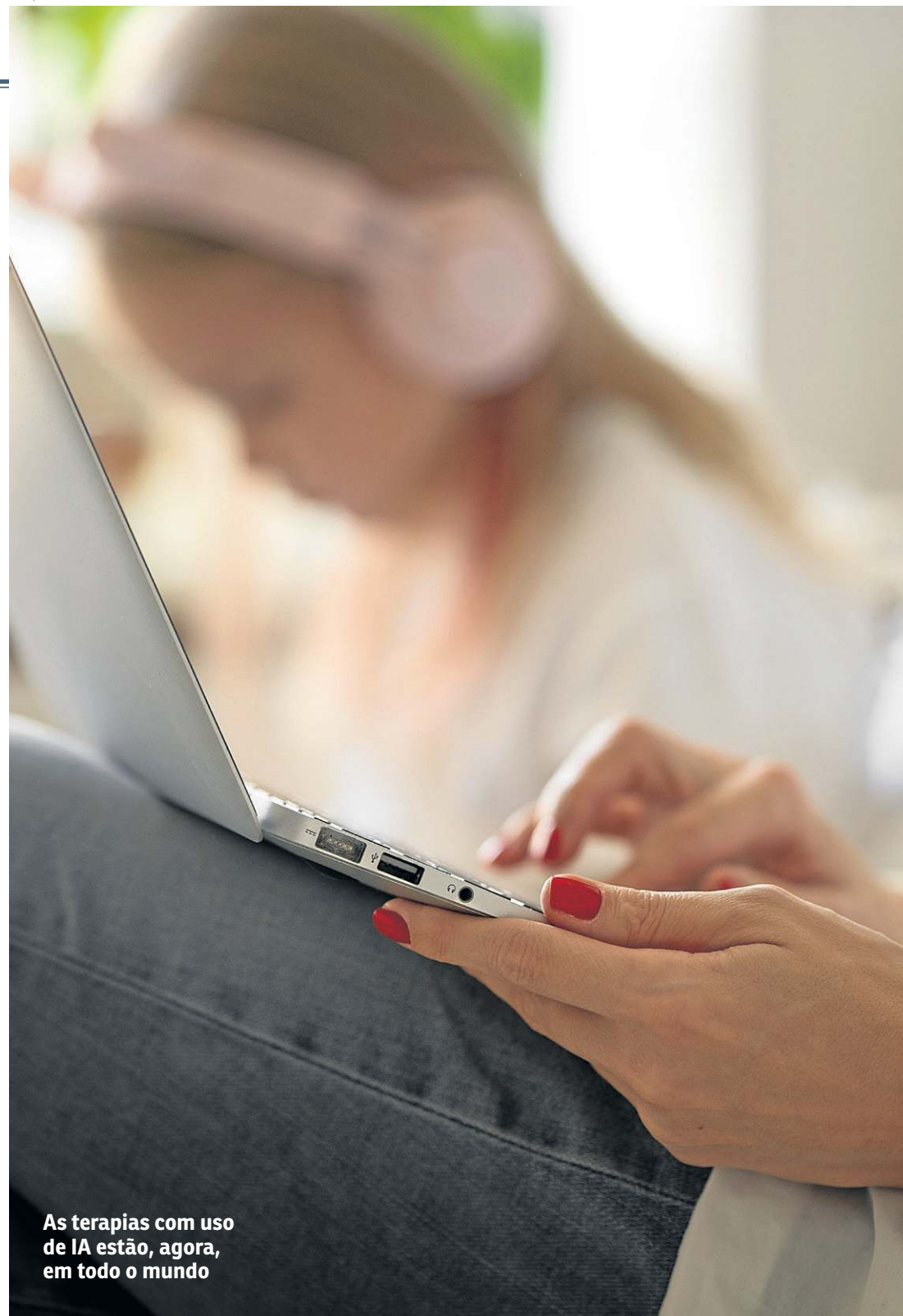
O fenômeno levanta discussões importantes sobre limites, riscos e responsabilidades no uso da tecnologia no campo da saúde mental. Do ponto de vista jurídico e ético, surgem questões regulatórias. No entanto, não há, até o momento, legislação específica no Brasil que trate do uso de inteligências artificiais em contextos terapêuticos. De acordo com o advogado Walter Silveira, que atua em

jurídico corporativo há mais de uma década, em caso de prejuízos emocionais decorrentes do uso do ChatGPT como terapia, a empresa de tecnologia teoricamente se isenta da responsabilidade.

“Com relação à questão da responsabilização, o próprio GPT, à medida que você faz algum tipo de pergunta, quando percebe que se trata de algo sensível, como saúde ou direito, já alerta que não deve ser utilizado como ferramenta para esse fim.

Ele apresenta uma espécie de disclaimer, que vem da própria plataforma, à medida que as interações acontecem, justamente para ter esse cuidado. Além disso, costuma orientar as pessoas a procurarem um profissional de saúde.”

Como em nenhum momento a IA se declara como substituta para o tratamento tradicional, dificilmente ela será responsabilizada. No entanto, Walter Silveira destaca que a resposta oferecida pode ser avaliada



As terapias com uso de IA estão, agora, em todo o mundo